

La petite mort – Uma metanoia erótica

Alam da Silva Lima, Universidade de São Paulo

Entre a “Venus Celestis” e a “Venus Naturalis” existe um ponto de interseção onde a carne violentamente sublima até alcançar o mármore dos deuses, ofegante, desaguando a siderurgia rubra do sangue na esquálida face do oceano: A morte! Este abismo que cava em todas as direções seu frêmito azul como o olhar rarefeito de um cego. É de um céu assim, assassinado, que espuma a fonte do amor que engendra na pérola um corpo de mulher. Este jorro criador da morte tem seu maior intérprete na vida: O orgasmo. Tendo como fio condutor o conceito de “*petite mort*”, apresentado por Georges Bataille no livro *O erotismo*, a pesquisa pictórica investiga a imagem do gozo feminino em releituras de obras de arte contaminadas pela artificialidade do universo do sex shop.

Palavras-chave: Bataille. Pintura. Sagrado. Erotismo.

*

Between “Venus Celestis” and “Venus Naturalis” there is a intersection where the flesh violently sublimates until it reaches the marble of the gods, panting, pouring red iron from the blood on the squalid face of the ocean: Death! This abyss that digs in every direction its blue frisson like the rarefied look of a blind man. It is from such a sky, murdered, that foam the source of love that engenders in the pearl a woman's body. This spurt of death has its greatest interpreter in life: Orgasm. Based on the concept of “*petite mort*”, presented by Georges Bataille in the book *Erotism*, this pictorial research investigates the image of female orgasm in re-readings of Works of art contaminated by the artificiality of the sex shop universe.

Keywords: Bataille. Painting. Sacred. Erotism.

“É geralmente próprio ao sacrifício fazer concordar a vida e a morte, dar à morte o jorro da vida, à vida o peso, a vertigem e a abertura da morte. É a vida misturada com a morte, mas nele, no mesmo instante, a morte é signo da vida, abertura do ilimitado”¹.



Fig. 1 - Vênus nascendo da concha, 70cmx 130cm. 2016. Alam Lima, MAP, Diadema.

¹ BATAILLE, Georges. O erotismo. [trad. Fernando Scheibe]. São Paulo: Autêntica Editora, 2013.p.115.

A Vênus e a concha

Certa vez, quando criança, comprei um caranguejo eremita num aquário. De imediato sua concha me atraiu! Acetinada e angulosa em sua arquitetura clássica, parecia um beijo de língua em cerâmica maia do tamanho de um punho fechado numa torção centrípeta, sua sequência Fibonacci interminável era estonteante, exata, de uma textura tão fabulosa que parecia a própria digital do criador. O belo ideal materializado.

Mas um outro tipo de beleza vivia em seu interior, uma beleza no espectro oposto, cheia de patas e de medo, acuada, agressiva, enraizada na escuridão. Aquele mistério todo me torturava. Logo retirei a concha do aquário e virei sua entrada para a luz, inútil! O bicho era um eclipse total. Palitei lá dentro e enfim o ermitão pinçou com força a armadilha. Tentei forçá-lo para fora e uma patinha se despiu com a lentidão de uma meia-calça, porém logo recuou novamente.

Então nossa relação ganhou contornos sádicos. Não coloquei a concha de volta no aquário, ficou ali, exposta com a cavidade para cima um dia inteiro, mas nada. Absolutamente nada o fazia sair de lá. Sem comida nem água. Nós dois, ambos prisioneiros. A essa altura, não só já o amava como sofria miseravelmente pela falta de correspondência.

No terceiro dia à mingua, finalmente, esgueira-se de sua concha parcialmente, febril, como uma deusa do amor, a Vênus pudica. Sua carne rosa, latejante e crua, incrustada de uma armadura lilás, um nu frontal exigindo imediata saciedade.

Real como tudo aquilo que morre.

Porém, sua completude só se revelou mesmo depois de morto, quando então desprende da concha sua carne úmida e viscosa. Mas agora era ainda mais sedutor. Seu aspecto era o de um prato de comida.

A verdadeira beleza transcende a morte!



Fig. 2 - Vênus de Cyrene. Greco-Romano, Museu do Vaticano.

Deusa de mármore imolada

Cadáver de pé como um caule despetalado
de uma tez ensaboada, pia batismal
transbordando eternamente recém nascida
sua forma redesenhada pela guerra
da dilaceração viril da cópula

Desfila de mãos dadas
com um oceano de carne humana
O semblante vazio de um céu inabitado
Algum rosto ainda
neste olhar esbugalhado de seios,
No ventre sorrindo curvas úmidas
Na fenda impenetrável da pedra

Qual força pode imolar teu mármore?
Qual jogo sádico foi capaz de sintetizá-la
neste manequim do prazer?

Mais especificamente sobre a concha e a espuma

“E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.”

Gênesis 1:2

A princípio não existe forma alguma, nada, nem mesmo a tela em branco, mas, apenas, uma sopa primordial. Este caldo denso é o lago de Narciso, de Ophelia, perigoso e lamacento de desejos, em gestação constante, mesmo quando vazio. O vazio aqui está sempre em atividade, aceso em stand by.

Uma boa isca é fundamental. É necessário que esteja viva, pode-se usar a mesma inúmeras vezes contanto que ainda seja capaz de se convulsionar enlouquecida.

Pensar muito é inútil. Não é pensando no peixe que o fismamos, mas quando o esquecemos. Sua natureza beira a invisibilidade, é quase um vazio. Exige da gente certa mediunidade.

Não precisa acontecer nada de grandioso para embrionar no artista o caos.

Então, de repente, as águas turvam uma agitação espumosa e de uma estrela do mar ou de uma água-viva nasce uma baleia. A mesma baleia sempre - Moby Dick.

Realizo um ensaio fotográfico, com duração média de duas horas, onde são disparados dezenas de arpões na amplidão horizontal do monstro marinho, que canta sua melodia azulada. Se algum a faz sangrar ela submerge rebolando sua enorme cauda para depois desaparecer nadando para dentro da ferida que se abriu.

Já no atelier, respingo seu sangue luminoso na tela. Pinto por cima da luz preenchendo-a de carne até poder ouvir seu canto ecoar novamente uma nova melodia.

Por qual motivo pintar estas imagens?



Fig. 3 – Imagens do processo.

Somente a foto não me satisfaz.

A fotografia fala com mais propriedade da morte que a pintura.

Mas a fotografia está para a morte como a pintura está para o orgasmo!

O estigma da morte transpassa a pintura, ela mesma já foi dada como morta. Mas não morreu de fato ou por que este cadáver estaria sempre numa posição diferente quando o vemos novamente? *Rigor Mortis*? Não! Não foi uma morte, mas sim a “pequena morte”. O que é a *action painting* senão uma grande e volumosa esporrada? O processo de fabricação da imagem na pintura é artesanal, secular, antiquado... Mas não morreu, pelo menos não ainda. Talvez seja como o nonagenário de Garcia Marques que se deita com uma ninfeta virgem em Memória de minhas Putas Tristes, encontra-se sob o mesmo lençol de tensões.

Da mulher

“Um homem é provocado no meio de outros, ao saber que não é nenhum dos outros. Deitado no leito ao pé de uma mulher que ele ama, esquece que não sabe a razão por que é ele próprio e não o corpo que toca. Sofre, sem saber, com a escuridão da inteligência que o impede de gritar que ele próprio é a mulher já esquecida da presença dele, mas excitada no aperto de seus braços”

Georges Bataille, O ânus solar.

Na pintura do orgasmo feminino almejo a fusão que é incompleta no coito, a continuação no outro até a forma de um novo ser, naquilo que mediará o conflituoso contraponto bachiano costurando essa ferida de morte,

açambarcando de uma única vez o pai, o filho e o espírito santo na orgia sagrada da trindade.

O quarto do Deus morto

Guardei sua cama, sua memória
O quarto teu, do mesmo jeito
Amo-te ainda mais que outrora
Amo-te com o corpo, sem respeito.

Desejo-te na sagrada núpcia
Da santíssima trindade, a orgia
Apenas você, eu e Maria
Em árias bachianas! Gritaria!

“Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele o que coloca na via da existência? E por que não interpretar uma face do outro, a face de Deus, como suportada pelo gozo feminino?”²



Fig.4 – Conjunto escultórico Êxtase de Santa Tereza. Bernini. Igreja de Santa Maria della Vittoria, Roma.

Oração para Santa Tereza.

Reza, retesando os tornozelos azuis
incendiada, acesa em uma brasa branca
O olhar fisgado pra fora da água
Se debatendo no ar que lhe invade as guelras

² LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20:** Mais, Ainda. Coleção campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985. p. 82.

Teu corpo, marmóreo mar esculpido às mordidas
Arrebentando feras vivas contra as rochas
Santa gemendo crustáceos róseos
Multiplicando os lábios úmidos
entre os dedos
Falando de Deus pelas costas
convulsionada numa histeria de divã
Nós dois no mesmo instante
Duas estátuas de sal

Da violência do amor

“Deus era, para Empédocles, o mais ignorante de todos os seres, por não conhecer de modo algum o ódio. É o que os cristãos mais tarde transformaram em dilúvios de amor. Infelizmente isso não cola, porque não conhecer de modo algum o ódio é não conhecer de modo algum o amor também. Se Deus não conhece o ódio, é claro para Empédocles que ele sabe menos que os mortais. De sorte que poderíamos dizer que quanto mais o homem se possa prestar, para a mulher, a confusão com Deus, quer dizer, daquilo de que ela goza, menos ele odeia e menos ele é - e uma vez que, depois de tudo, não há amor sem ódio, menos ele a ama.”³

“Reconhecer a diferença sexual não significa simplesmente reconhecer a existência de um outro modo de gozo oposto ao meu, e que por isso me exclui, mas reconhecer que no interior da minha própria identidade sexual habita uma outra forma de gozo.”⁴

Da morte de Deus

“A ausência de Deus é mais divina que Deus”⁵

*“A morte de Deus não nos restitui a um mundo limitado e positivo, mas a um mundo que se desencadeia na experiência do limite, se faz e se desfaz no excesso que a transgride[...].
E se fosse necessário dar, em oposição à sexualidade, um sentido preciso ao erotismo, este seria, sem dúvida, o de uma experiência*

³ LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda. Coleção campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.p. 95.

⁴ SAFATLE, Wladimir. Fetichismo: colonizar o outro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.65

⁵ BATAILLE, Georges. *L'absence de mythe* (1947). In: *Euvres complètes*, t.XI. Paris: Gallimard, 1988. p.236.

da sexualidade que liga por si mesma a ultrapassagem do limite à morte de Deus.”⁶



Fig. 5 - Andrômeda e o Monstro Marinho, diptico, óleo s/ tela, 2017. Alam Lima.

Sobre o caso Emma (Andrômeda e o monstro Marinho)

Emma foi uma paciente de Freud, e o seu caso é relatado no livro “Projeto para uma Psicologia Científica” do psicanalista. Tomada por uma compulsão em que não consegue entrar em lojas sozinha, Emma inicia uma análise e, no decorrer das sessões, apresenta uma lembrança que seria o motivo dessa estranha interdição segundo ela própria: aos doze anos de idade, a paciente teria entrado em uma loja para comprar algo quando dois vendedores – sendo um deles sexualmente muito atraente – riram de suas roupas e ela saiu aos prantos. Porém, não satisfeito com essa informação, Freud teria dado prosseguimento à

⁶ Citação de Michel Foucault na quarta capa do livro *O erotismo*, de Georges Bataille - São Paulo: Autêntica Editora, 2013.

análise e, durante essa continuidade, a jovem acabou recordando de uma nova cena bem mais arcaica da qual negou ter se dado conta no instante da primeira: aos oito anos de idade, a paciente alega ter sofrido um abuso sexual numa confeitaria onde o proprietário a tocou em sua região genital por cima da roupa. Essa atitude lhe causou completa repulsa, e com muita dificuldade, uma nova cena ainda mais perturbadora acabou emergindo em sua vida. Mesmo após o ocorrido, Emma ainda retornou à confeitaria como se, com isso, tivesse querido provocar um novo ataque.

“Desejo e culpa!”

Como uma Andrômeda que retorna à praia e, fitando a tênue linha dormindo ao longe, fantasiasse ser enfim possuída pelo Monstro Marinho, Emma retornou. Esta besta de nossas profundezas mais escuras, violenta e sedutora, que nos envergonha e nos sussurra sempre ao ouvido.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. O amor natural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007 - 16ª edição.
- ARAKI, Nobuyoshi. Tokyo Lucky Hole. Londres: Editora Taschen, 2015.
- ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BATAILLE, Georges. O erotismo. [trad. Fernando Scheibe]. São Paulo: Autêntica Editora, 2013.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do Subsolo [trad. Boris Schnaiderman]. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade - volume 2. [trad. Maria Thereza Albuquerque]. São Paulo: Editora Graal, 2009.
- LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda. Coleção campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.
- PANOFSKY, Erwin. Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ROSENFELD, Jason. John Everett Millais. Londres: Editora Phaidon, 2016.
- SADE, Marquês de. Os 120 dias de Sodoma. [trad. Alain François]. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.
- SAFATLE, Wladimir. Fetichismo: colonizar o outro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. [trad. Paulo Perdição]. 24.ed - Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- STEINBERG, Leo. Outros Critérios – confrontos com a arte do século XX. [trad. Célia Euvaldo]. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.